

divã Filosofia no



CONHEÇA A FILOSOFIA CLÍNICA E DE QUE FORMA ELA PODE
INFLUENCIAR SEU COMPORTAMENTO NO COTIDIANO.

POR MATEUS MOURA*

A Filosofia Clínica surgiu na década de 1980 a partir de pesquisas feitas por Lúcio Packter. Natural de Porto Alegre, Packter é psicólogo e psicanalista com formação voltada ao humanismo. A ideia da Filosofia Clínica surgiu após tomar conhecimento das novas experiências que estavam sendo feitas, na época, na Europa. Motivado pela novidade, Packter visitou diversas universidades em Portugal, França, Holanda, Inglaterra e Escócia.

De volta ao Brasil, o pesquisador sistematiza uma nova metodologia e a fundamenta para a clínica voltada à filosofia, inspirado na Filosofia Prática ou Filosofia do Aconselhamento, nascida na Alemanha em 1981. Após quase dez anos de pesquisas e trabalhos surge a atual Filosofia Clínica. Em 1994 é fundado, em Porto Alegre, o Instituto Packter, uma instituição voltada à pesquisa, à clínica e à formação de Filósofos Clínicos.

Para explicar melhor o que vem a ser a Filosofia Clínica e sua aplicabilidade, a Conhecimento Prático Filosofia conversou com Marta Claus, filósofa clínica, membro da Associação Portuguesa de Aconselhamento Ético e Filosófico e Doutoranda no Instituto Packter. Além disso, atua como professora titular de Filosofia Clínica em Uberlândia (MG), Iataí (GO), Rio Verde (GO), Mineiro (GO) e Itumbiara (GO).

CONHECIMENTO PRÁTICO FILOSOFIA: Como se deu sua formação?

MARTA CLAUS (MC): Minha carreira acadêmica começou na faculdade de História, na época da Ditadura Militar. Mas minha vontade sempre foi de fazer Filosofia. Na época, meu pai não me deixou fazer o curso de filosofia justamente por conta da questão política. Então me direcionei para algo perto da Filosofia, que foi o curso de história na USP - Universidade de São Paulo, isso foi entre 1976-77. No final, acabei não fazendo o curso de história por não ser o meu objetivo. Assim, dediquei-me a outras

“A primeira lição fundamental na Filosofia Clínica é aquilo que uma pessoa sente, vive, afirma, imagina, faz - isso é assim para ela, independente de ser compartilhado com as outras pessoas, de ser aceito, criticado, ironizado, proibido e assim por diante. Cada pessoa é "a medida de todas as coisas.”

Lúcio Packter, no livro Filosofia Clínica - Propedêutica, 1997.

atividades. Desde cedo fazia balé, me tornando uma bailarina clássica, e acabei me envolvendo mais com a carreira de bailarina do que com a acadêmica. Passei a trabalhar com a Filosofia quando já estava com 29/30 anos, logo após sofrer um acidente e ser impedida de dançar. Já com outro cenário político no país, eu mesma já sendo outra pessoa, retomei os meus estudos me dedicando, principalmente, à Filosofia. Primeiramente, com cursos de extensão e, gradualmente, meu envolvimento com a disciplina foi aumentando até que, no final dos anos 1990, comecei a me dedicar de corpo e alma ao curso retomando a universidade. Graduei-me na Universidade Federal de São João del-Rei, na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais. E foi em São João del-Rei que conheci a Filosofia Clínica. Dei início ao meu curso na área e me graduei lá. Foi nessa cidade que também comecei minha carreira profissional como terapeuta. Atuei na cidade por três anos.

CP FILOSOFIA: Pode-se afirmar que a Filosofia Clínica é apenas uma Especialização ou um curso à parte?

MC: Na realidade, eu não considero a Filosofia Clínica como um curso de especialização, mas sim de formação. A especialização, no caso, funciona junto com o curso de formação, mas serve para aqueles que não se vêem como terapeutas, assim, eles se tornam especialistas em Filosofia Clínica, podendo se dedicar à pesquisa, divulgação, ou seja, todo esse processo acadêmico. Pois, para se trabalhar em consultório, ela vai além da especialização, pois necessita de estágios, práticas - já é um outro processo.

CP FILOSOFIA: O que a Filosofia Clínica influencia em sua vida?

MC: Na minha vida particular, acredito que se não fosse a Filosofia Clínica, eu não teria todas as coisas boas com que eu convivo hoje. Isso porque a Filosofia Clínica traz uma serenidade ao dia a dia. A nossa postura, de acordo com que se aprende no curso é colocada em prática, passamos a viver melhor. Pois, a partir dela, adquirimos maior Autoconhecimento e passamos a entender melhor o outro. Quando isso se dá de uma maneira sincera, você acaba respeitando mais o espaço do outro e conseqüentemente o indivíduo passa a se respeitar mais.

FENOMENOLOGIA

A Fenomenologia trata dos fenômenos perceptíveis. Ela une o sujeito e o objeto. O pensamento Fenomenológico surgiu no século 19, a partir dos estudos de Franz Brentano, e teve como estudiosos filósofos como Edmund Husserl, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty. A Fenomenologia é oposta ao positivismo, partindo de análises da realidade do ponto de vista do indivíduo. Assim, ela busca interpretar o mundo por meio de um determinado sujeito segundo as suas próprias experiências.

Costumo dizer aos meus alunos no curso de formação que, ser filósofo clínico, é uma postura de vida, pois se assume não só uma profissão ou uma carreira acadêmica, mas também uma forma diferenciada de encarar e viver o cotidiano. Na área profissional também é muito bom. Existe um campo de atuação bastante amplo. O curso chama a atenção das pessoas, elas procuram, querem fazer não só o curso, mas a própria terapia. Nesse aspecto, o que atrai é o fato de ser um trabalho direcionado.

CP FILOSOFIA: Quais as principais diferenças entre a Filosofia Clínica e a terapia tradicional (psicoterapia, psicanálise)?



MC: A maior diferença está na metodologia, o modo como se trabalha com a pessoa. Acredito que todas as formas de terapia possuem um mesmo objetivo: atender da melhor forma possível as pessoas que nos procuram, para que, realmente, possam resolver suas questões. O que difere a Filosofia Clínica é a abordagem com ênfase na escuta, a maneira como se faz o histórico de vida da pessoa. Por exemplo: usamos um mínimo de agendamentos; a pessoa conta a própria história por ela mesma (não direcionamos o que ela deve falar), e aqui usamos um método chamado de

Partilhante

Na Filosofia Clínica, é o termo usado para se referir ao indivíduo que busca assistência do Filósofo Clínico. O conceito surgiu devido à pessoa partilhar suas experiências com o Filósofo em um movimento de reciprocidade, uma vez que o profissional, no caso, é um agente ativo na relação

Fenomenologia, que é um método próprio da Filosofia. Depois, vamos mais além, trabalhamos as lacunas que ficam, pois é normal, quando as pessoas falam de si e principalmente do passado, criarem lapsos de tempo, deixando a história um pouco desorganizada. Assim, vamos remontando dando ordem cronológica ao passado dessa pessoa. Além disso, criamos procedimentos para traduzir o que esse indivíduo em particular quer dizer com uma expressão ou outra, pois muitas vezes uma palavra não significa, literalmente, a mesma coisa para mim e para ela. Esse procedimento se chama **Enraizamento**. Então, após colhermos todos esses dados históricos,

passamos para outros procedimentos que são os Exames Categroriais e a montagem do estruturamento de pensamento da pessoa para sabermos como ela funciona internamente, como ela está existencialmente no ambiente. Para isso, usamos os chamados submodos, que são os Procedimentos Clínicos. Este é o momento que o filósofo vai refletir junto com a pessoa sobre as questões que apareceram nessa historicidade e que foram diagnosticadas por meio da montagem da Estrutura de Pensamento.

CP FILOSOFIA: Questões sexuais e afetivas são comuns e importantes no processo de terapia das pessoas que procuram a Filosofia Clínica?

MC: As pessoas que procuram a terapia da Filosofia Clínica possuem os mais diversos problemas. Eles vão desde as questões sexuais, afetivas, de trabalho até aquelas pessoas que só querem alguém para ouvi-las ou mesmo conhecer o processo. Então não há uma linha pré-definida de pessoas que buscam a Filosofia Clínica. O parâmetro que temos é o da pessoa. É somente ela que irá dizer o que quer ser tratado e o que ela precisa. Não damos diagnósticos de doenças, não que elas não existam, mas não trabalhamos com esse conceito patológico. Podemos, sim, trabalhar em conjunto com um psiquiatra, psicólogo, porém não damos laudo.

CP FILOSOFIA: Como se realiza a Filosofia Clínica?

MC: Primeiro, temos o período de coleta da historicidade, em que a pessoa traz a queixa dela. Trabalhamos essa queixa, montamos a linha cronológica dessa pessoa. Assim que essa primeira parte está pronta, passamos para a montagem da Estrutura de Pensamento para vermos onde estão os "nós" que incomodam a vida dessa pessoa. Seguindo isso, aplicamos os submodos.

A Estrutura de Pensamento é singular, única para cada pessoa, e determina o modo como ela está existencialmente no ambiente em que vive. É a forma como sua malha intelectual trabalha em relação aos fatos vivenciados. Está dividida, didaticamente, em trinta tópicos que objetivam identificar choques (como conflitos, culpas, medos, angústias, depressões, entre outros) que foram introjetados nessa malha intelectual do **Partilhante** por razões diversas, tais como valores, pré-juízos, e outras determinações próprias e específicas que são inerentes a todo ser humano.

Enraizamento

O termo é usado para substituição do termo epistemologia. Dentro da Filosofia Clínica, trata-se de um procedimento clínico constituído de caminhos epistemológicos que levam a descrições verticais. Esses são efetivados após os dados divisórios, mas podem ser realizados paralelamente. O uso do procedimento se dá pela insuficiência de conteúdo que pode ser enriquecido intercalando dados divisórios e aplicando definição, exemplificação e descrição.

CP FILOSOFIA: Quem é o Filósofo Clínico?

MC: Antes de qualquer coisa é alguém que fez o curso de formação e se preparou para a vida profissional. Mas o filósofo clínico é mais que isso. A atuação dele abrange os mais diversos campos de trabalho, pois ele pode atuar em empresas, hospitais e onde mais existirem pessoas que precisem de acompanhamento. Eu, por exemplo, atuei por três anos em hospitais de Uberlândia, no setor de **Oncologia** e de pacientes terminais. É uma assistência filosófica. Por incrível que pareça não apenas uma assistência psicológica, pois também cuida dessas pessoas e do fim de suas existências, uma vez que, durante nossa existência não tratamos de seu fim.

CP FILOSOFIA: Existe alguma restrição para se cursar Filosofia Clínica?

MC: Existe. Primeiro, deve-se ser graduado em uma faculdade reconhecida pelo MEC e em qualquer área do conhecimento. Porém, só pode ter o título de filósofo clínico e clinicar quem é graduado em Filosofia. No caso, quem não é filósofo pode ter o título de especialista em Filosofia Clínica e atuar em pesquisa e estudos acadêmicos, além de levar os princípios da disciplina para a vida pessoal e a atuação profissional.

CP FILOSOFIA: Pode-se dizer que a Filosofia Clínica é uma doutrina?

MC: De forma alguma! Essa questão é interessante porque as pessoas acreditam que ela seja uma doutrina por ter uma metodologia a ser aplicada. Mas se percebe que o outro é que traz as próprias questões e as formas a serem trabalhadas, pois as pessoas se apresentam e são recebidas da maneira como são e não vou passar, por exemplo, a minha doutrina para elas - mesmo porque a Filosofia Clínica não tem doutrina. Existe algo na Filosofia Clínica chamado 'plasticidade', isso significa que devemos nos adaptar com qualquer método, dentre os vários na Filosofia Clínica, para as diferentes necessidades do indivíduo. Até mesmo o atendimento da Filosofia Clínica pode, e deve, ir além do consultório. Muitos outros lugares podem ser bons espaços de trabalho, como praças, escolas, enfim, devemos buscar um local em que o partilhante se sinta à vontade. É uma terapia em que a teoria que se ajusta, encaixa-se à pessoa e não o contrário, pois, cada pessoa possui uma estrutura de pensamento única.

Oncologia

É a ciência que estuda e trata os cânceros (tumores malignos) também chamada de Cancerologia

